

CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Rúbia Cristina Duarte Garcia Dias

Andreia Cristina Peixoto Ferreira

Universidade Federal de Goiás/ Campus Catalão

Resumo:

Esse trabalho trata da experiência de uma pesquisa empírica que vem se fomentando em uma escola pública de Catalão-GO. Temos como objetivo reconhecer como são tratados os temas gênero e sexualidade nas aulas de educação física e qual a relação estabelecida entre estes temas e a educação do corpo, vincadas nas propostas teórico-metodológicas. Construímos como fontes iniciais de dados, relatórios acerca dos processos que constituíram as aulas, bem como, diálogos com o professor e alunos do 7º ano do ensino fundamental. Percorremos obras no campo das pedagogias críticas e pós-críticas da Educação e Educação Física. Diagnosticamos vários momentos que se relacionam ao campo da moral normativo e da ética na construção da sexualidade, gênero e de corpos que estão dispostos a exibir diversas marcas, signos e normas. Essa pesquisa aponta à demanda da experimentação estética, do diálogo, da comunicação e da auto-reflexão crítica nos processos formativos e identitários do corpo na escola.

Palavras Chave: Prática Pedagógica; Corpo; Sexualidade

1. INTRODUÇÃO

Considerando que nós, seres humanos/ pessoas, somos tod@s de alguma forma diferentes, surge a necessidade de pesquisar/ analisar como a escola/ @ profess@r trabalha com a perspectiva da diversidade no campo do gênero e sexualidade.

Neste sentido, a perspectiva desse trabalho passa por refletir sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas no campo da moral normativa e da ética na construção da sexualidade, entre outros. Pensando com a autora a seguir

A escola passa a ser observada como um espaço privilegiado para atuar na interiorização de hábitos e valores que pudessem dar suporte à sociedade em construção: uma escola capaz de preparar os indivíduos moral e fisicamente tendo por base educação do corpo, isto é, uma educação suficientemente eficiente na produção de corpos capazes de expressar e exibir os signos, as normas e as marcas corporais da sociedade industrial evidenciando, inclusive, as distinções de classe (GOELLNER, 2003, p. 37).

Torna-se presente a “curiosidade”/pertinência de investigar como a escola intervém nas possibilidades humana de construção da sua própria identidade de gênero e sexualidade na contemporaneidade.

Para tanto este texto traz a elaboração de uma pesquisa empírica na Escola Estadual João Neto de Campos que visa investigar como as práticas pedagógicas desenvolvidas pel@ profess@r nas aulas de educação físicas, educação do corpo, atuam/ intervém nessas perspectivas trazidas acima. Assim, buscando reconhecer como essas aulas tratam a conformação da sexualidade, no intuito de perceber como @ profess@r lida com preconceitos e se de alguma forma reforçam ou não tais preconceitos e estereótipos. Dessa forma, analisando as práticas pedagógicas desenvolvidas pel@ profess@r de Educação Física, mapeando as rotinas e procedimentos valorativos e normativos no campo do gênero e sexualidade.

As construções de relações de poder, a discussão religiosa e de gênero, aqui compreendido como uma categoria relacional e de análise sobre a construção social e cultural das características sexuais que envolvem questões como linguagem, sexualidade, homossexualidade, sala de aula, representações, identidades e questões raciais. Segundo Louro (2007), tais questões vão além de aulas co-participativas ou mistas em Educação Física, são questões culturais que não podem ser desconsideradas quando o assunto é sexualidade (vista como tabu), uma vez que elas contribuem para a repressão das questões relacionadas ao corpo.

A Teoria das Representações Sociais, introduzida na Psicologia Social por Serge Moscovici, com profundas raízes na sociologia e presença notável na antropologia nos permitirá refletir sobre como os aspectos da vida social dos sujeitos envolvidos em nossa pesquisa modelam suas ações como indivíduos e podem influenciar sua prática pedagógica.

O conceito de repressão sexual utilizado remete a Chauí (1984), que afirma ser um conjunto de regras, normas e valores estabelecidos por uma determinada sociedade para controlar o exercício da sexualidade.

Destarte também se torna interessante que possamos (re) conhecer não só a formação na qual @ profess@r teve acesso, mas também compreender de que maneira a representação enquanto sujeito social dest@ educad@r pode influenciar em sua prática, devido a esse conjunto de regras, normas e valores que compõem este modelo social aceito, que é a heteronormatização (sexualidade heterossexual compulsória e normativa).

A análise da prática pedagógica d@ profess@r de Educação Física vem com o intuito de tentarmos analisar os limites da prática docente que dificultam uma ação mais competente, reflexiva e transformadora frente à educação.

Pesquisas apontam que as Licenciaturas em Educação Física de forma geral se preocupam muito com a formação técnica, privilegiando as disciplinas do campo esportivo, e, em muitos casos, sem que haja a apropriação do conhecimento histórico do mesmo, e também a ampliação de conhecimentos do âmbito sócio-cultural, não possibilitando uma formação intelectual e crítica @s alun@s, o que deixa o ensino longe de uma prática pedagógica comprometida com a formação para o exercício da cidadania e demais orientações dos Temas Transversais propostos.

No caso da licenciatura em Educação Física do Campus Catalão, a perspectiva de formação de professores tem uma fundamentação nas teorias pedagógicas do campo crítico, que busca se contrapor a característica hegemônica dos cursos na área.

1.1 ELABORANDO ACERCA DO OBJETO DE ESTUDO

Podendo perceber cotidianamente a forma em que a sociedade é/ ou se divide, e como essas divisões se dão, foi tornando-se forte em mim a importância de investigar/ pesquisar sobre o tema proposto.

Como pude observar através de leituras acerca do assunto, mesmo havendo movimentos sociais, realizados por determinados grupos em busca de conscientização das possibilidades de trabalhar a diversidade e sexualidade, ainda assim, as metodologias de ensino acabam permanecendo em metodologias no contexto normativo e estereotipado. Como podemos notar a seguir:

Uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e feminilidade e uma única forma normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico (LOURO, 2003, p.45).

Dessa forma, consideramos relevante pesquisar como o “diferente” é enquadrado ou excluído por meio das metodologias e práticas pedagógicas d@

profess@r de Educação Física? Como o denominado “diferente” é tratado? Há um enquadramento no padrão normativo? E como a Educação Física e educação do corpo desenvolvidas atuam/intervém nas possibilidades de construção humana de sua própria identidade de gênero e sexualidade? E assim, identificar, analisar e responder como valorizações e significados são atribuídos aos corpos, estabelecidos a partir de sua anatomia e sexualidade.

Nesta perspectiva, as pretensões desta investigação empírica na escola refere-se a:

- Elaborar instrumentos e fontes de dados que oportunizem investigar as conformações de Gênero e Sexualidade nas aulas de Educação Física;
- Constatar como os conteúdos, procedimentos metodológicos e avaliativos expressam a forma como @s professor@s lidam com as relações de preconceito, discriminação e exclusão nas aulas de Educação Física;
- Compreender os limites da prática docente que dificultam uma ação mais competente, reflexiva e transformadora frente à educação sexual;
- Analisar as dimensões socioculturais e simbólicas de gênero e sexualidade (como a homossexualidade, por exemplo) levando em consideração a possibilidade de influências de discursos ideológicos.

Dessa forma, buscando contribuir para uma melhor compreensão de como práticas e hierarquias podem interferir diretamente nos indivíduos, tanto de forma positiva, mas quando de forma normatizada acaba tornando-se uma forma negativa.

As formas de sentir, pensar e agir do homem estão intimamente ligadas à realidade que ele vive; à sua cultura. Conhecer essas formas implica refletir constantemente sobre nossas ações e a do outro que nos cerca. A cultura é uma fonte de significações que não deve ser desconsiderada pelos educadores, porque amplia a compreensão histórica e social a respeito da diversidade de significados sobre o corpo enquanto universo simbólico (LOBATO, 2003).

É pertinente destacar que as análises de como são tratadas as questões de gênero e sexualidade neste texto partem do olhar de como o corpo está inserido neste contexto. Partem da necessidade de compreender o significado que o corpo assume dentro da nossa cultura, especialmente na escola, podendo assim, minimizar preconceitos, estereótipos e evitar a exclusão com um olhar mais aberto frente à diversidade em sala de aula.

É de suma importância trabalhar essas questões com @s educador@s porque “é a partir da visão de corpo que as pessoas possuem que elas vão se relacionar consigo mesmas” (BARBOSA, 1996, p. 3).

Através deste estudo/pesquisa temos a intenção de pensar contribuições sobre a prática pedagógica desenvolvida nas aulas da Escola Estadual João Neto de Campos, no sentido de se tornarem significativas na construção social e pessoal de cada indivíduo, enfatizando a importância de trabalhar a interdisciplinaridades nas aulas de Educação Física.

2. A EXPERIENCIA DO PERCURSO TEÓRICO-METODOLOGICO

Para tomar conhecimento de como se dá, a prática pedagógica do professor de educação física, e então, como se constitui as aulas realizadas por este, foram realizadas: observações participantes, diálogos com alunos e o próprio professor e observações participante; as quais, procurei sistematizar em forma de relatórios, tendo os mesmos como fontes de análises de pesquisa para a construção deste texto.

2.1 Notas iniciais acerca das fontes: um ensaio reflexivo sobre a rotina das aulas

A seguir discorreremos sobre situações/narrativas/testemunhos que aparecem nos momentos registrados:

A aula ocorre da seguinte forma: Os alunos chegam a quadra, o professor divide os times para que os jogos possam começar, a divisão ocorre por meio do gênero d@s alun@s, onde são formadas duas equipes: a equipe feminina e a equipe masculina. Ocorre somente o jogo desportivo; durante o jogo da equipe masculina, a equipe feminina aguarda o término do jogo sentada em um banco ao lado da quadra, e vice-versa. Podemos analisar os dados acima citados neste intervalo entre uma equipe e outra.

Assim, podemos constatar que não há diferenciação no trato do conhecimento com a turma do Ensino Fundamental; e que o professor tendencialmente não assume postura de mediador conhecimento.

Outro ponto a destacar é a falta de interdisciplinaridade entre a Educação Física e as demais disciplinas. Os conteúdos propostos nas disciplinas não dialogam com a Educação Física.

Desta forma torna-se um pouco mais restrita a possibilidade de trabalhar temas transversais, como o de nossa pesquisa, por exemplo, porém não impossibilitando que nós professor@s de Educação Física possamos abordar este tema.

Esta divisão das equipes mencionadas anteriormente se dá de acordo com o sexo d@ alun@, pois segundo relatos d@s propri@s alun@s e d@ profess@r, as duas equipes não estão preparadas para jogarem junt@s, devido as diferenças corporais e psicomotoras existentes entre os meninos e meninas. A reflexão dos mesmos partem de considerações de diferenças entre os sexos constituídas de uma forma reforçada cultural e socialmente, onde os meninos em muitos momentos podem ser mais fortes, desta forma podendo ser agressivo para as meninas, já que estas são mais delicadas e corporalmente mais frágil; relata o professor, explicando porque utiliza esta metodologia.

Como podemos refletir inicialmente com a citação de Goellner (2003); tendo a escola como um espaço que atua na interiorização de hábitos e valores, a escola recebe o papel de preparar os sujeitos moral e fisicamente por meio da educação do corpo, portanto é fundamental que o professor passe pelo processo de mediação dessas diferenças e tabus construídos cotidianamente em nossa cultura e convívios sociais.

Durante o processo de escolarização, dos percursos das aulas, e se tratando de nossa pesquisa especialmente nas aulas de Educação Física, de acordo com o trato pedagógico d@ profess@r, @s alun@s tornam-se capazes de compreender o corpo, a cultura, histórias e significados, tendo ampliação do conhecimento cultural e corporal de si e também do outro, podendo então através desses e outros conhecimentos adquiridos, de acordo como foram trabalhados metodologicamente, amadurecer determinadas opiniões e conceitos que estão arraigados, ou seja, que foram formando-se socialmente e a princípio estão inflexíveis; aproximando-se por meio do conhecimento da possibilidade de reflexão e ampliação de conceitos culturais e sociais.

Nesta perspectiva, ess@s alun@s estariam se dispondo a abrir-se, ou estariam mais abert@s a pensar questões caras para a nossa educação hoje, como por exemplo questões tratadas aqui em nossa pesquisa.

Na turma observada há um aluno que se afirma enquanto homossexual, o mesmo não se dispõe a fazer as aulas, pois afirma: “Ah não, esses meninos são uns cavalões, ficam empurrando e ainda por cima nem passa a bola pra mim.”, diz o aluno a respeito da equipe masculina. Perguntei a ele sobre a equipe feminina, porque então não jogava com elas, já que se sentia mais a vontade para tal, e ele responde: “Ah não, não gosto mesmo de jogar não”. Este aluno fica durante todo o tempo da aula sentado no banco, e durante o percurso de troca das equipes, ele conversa com as meninas, uma conversa que em muitas vezes há brincadeiras e falas homofóbicas. Já com os meninos não há um diálogo estabelecido, em momentos eles o discriminam e outros eles o ignoram, de uma forma barbara, ironizando a situação.

Neste pequeno relato do aluno que se assume enquanto homossexual na turma, podemos notar uma enorme contradição e também perceber a ausência de uma prática pedagógica qualificada para intervir em preconceitos, discriminações e violências que estão estabelecidas entre a turma e este aluno, desta forma podemos então notar a omissão de metodologias relacionadas ao nosso tema: corpo, gênero e sexualidade.

A contradição do aluno viria de uma certa forma relacionada ao medo da repulsa? Ou seria mesmo a falta de identificação com as práticas corporais que a educação física nos proporciona, neste caso as modalidades esportivas?

Podemos encontrar nas falas do aluno e durante as observações que há uma certa identificação estabelecida entre ele e as meninas, mesmo que haja situações um tanto quanto desconfortáveis, como por exemplo apelidinhos homofóbicos que aparecem em alguns momentos, de alguma forma há uma aceitação entre ele e este grupo, ao contrário do grupo masculino.

E se houvesse uma recusa por parte do grupo que o “aceita”? Como seria, já que o educador não propõe mediações no que se trata a essas questões?

Percebemos através da fala do aluno que essas questões, estão presentes; talvez de uma forma inconsciente, estão colocadas subjetivamente; e desta forma ele prefere se ausentar da participação dos jogos escolares propostos nas aulas, agindo assim como uma forma de preservação pessoal.

Portanto dessa forma fica mais claro e forte a pertinência de investimento no trato do conhecimento interdisciplinar relacionado as temáticas gênero e sexualidade.

Possibilitando assim, a oportunidade de reflexão, conhecimento e amadurecimento dessas questões que permeiam as aulas e o cotidiano da escola em um todo.

O professor fica o tempo todo entre o espaço da quadra e do banco, porém ele se omite em muitos desses momentos citados a cima; a intervenção dele ocorre de forma afim de silenciar/ocultar as formas de expressões subjetivas do aluno que se coloca enquanto homossexual, como por exemplo, em um dos intervalos entre as equipes, o aluno estava conversando com a equipe feminina sobre roupas e maquiagens; o professor o repreendeu dizendo: “ Ora menino vamos criar jeito, para com moleza e vamos jogar, “vamo”, “vamo”.

E o aluno diz: “Ah nem fessor, agora não”

Em diversos momentos podemos de uma forma equivocada julgar a pratica pedagógica adotada pel@ profess@r, como falta de compromisso ou acriticidade d@ educad@r a ser observado, no que se trata a assuntos relacionados a gênero e sexualidade; e como a constituição de sujeito se da através da cultura vivencia pelo mesmo e como essas marcas são reafirmadas ou adotadas pelo individuo por meio da formação do corpo, como podemos observar na educação física contemporânea.

Porém uma questão bastante relevante a ser pensada, observada e avaliada é a formação na qual est@ mesm@ educad@r teve acesso em seu percurso de apropriação do conhecimento e se est@ buscou ou busca se “renovar” por meio da formação continuada de professores. Pois podemos notar diferenças significativas no que se trata a grade curricular de hoje se comparada a de vinte (20) anos atrás, (embora mesmo assim nós alunos possamos sentir uma certa deficiência nesse campo de estudo, durante o percurso de formação na graduação).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo na primeira observação das aulas para pesquisa e coletas de dados, já pudemos diagnosticar vários momentos que se relacionam diretamente ao campo da moral normativo e da ética na construção da sexualidade, gênero e de corpos que estão impostos (ou dispostos) a exibir diversas marcas, signos e normas que estão/são construídos e colocados socialmente e como essas valorizações e significados da cultura

local e da escola distribuem aos corpos as práticas e hierarquias que se estabelecem de acordo com sua anatomia.

Durante a aula questões etno-raciais e até mesmo de distinção de classe apareceram no intervalo de um jogo e outro, mas pude diagnosticar que um assunto que aparece constantemente do decorrer da aula é o de gênero e sexualidade.

Ao se tratar da Prática Pedagógica do Professor de Educação Física desenvolvidas nesse campo, podemos analisar que no decorrer das aulas observadas, esta encontra-se um tanto quanto omissa na perspectiva de desconstrução e não reforçamento de preconceitos e estereótipos.

Neste contexto, é perceptível o papel da instituição escolar e principalmente das aulas de educação física, o qual se encontra em consenso de norteamento pelo padrão que seria socialmente “adequado”, ou seja, o da heteronormatividade.

Assim, em nossas considerações reconhecemos a necessidade de continuar investigações acerca das seguintes questões sobre a prática pedagógica do professor de Educação Física da Cidade de Catalão- GO:

Em que medida o silêncio e a falta de capacitação/conhecimento do educador, a respeito de gênero e sexualidade, contribui para reforçar as diferenças entre os gêneros e como a falta de formação do professor pode causar repressão sexual e até a exclusão do aluno homossexual.

E como esses preconceitos estão colocados ou impostos sobre o corpo e construídos na formação corporal do indivíduo através das aulas de Educação Física. Tratando então as diversas formas de expressão, tanto corporal quanto a possibilidades de diálogos de forma reprimida e silenciada.

Estudos estes que contribuiriam para intervir no estado de preconceito e violência na escola, em especial nas aulas de educação física.

Oferecendo uma reflexão sobre como é proposto e trabalhado questões significativas como estas.

O impacto dessa experiência de trabalho no Colégio Estadual João Netto de Campos pode também se dar na perspectiva de garantir a experimentação estética, o diálogo, a comunicação, apontamento para a reflexão, buscando a produção de subjetividade, a compreensão, apreensão e transformação da realidade social por parte dos alunos envolvidos.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Sérgio Sérvulo Ribeiro. Corporeidade: quais as concepções de corpo presente nos discursos dos professores de educação física na rede municipal de ensino de Uberlândia. Campinas, Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas; Faculdade de Educação Física; Fevereiro, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. São Paulo; 12ª ed.: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, Marilena de Souza – Repressão sexual: essa nossa (dês)conhecida; 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de educação física/ Lusirene Costa Bezerra Duckur.- Campinas, SP: Autores Associados, 2004.- (Coleção educação e esporte).
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO (Org) Corpo Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista/Guacira Lopes Louro; 9ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- _____. Currículo, gênero e sexualidade- O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In LOURO (Org) Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- LOBATO, Robson de Souza. Repressão Sexual: homossexualidade e tradição cristã. Catalão – Goiás. Monografia (Graduação em Educação Física), Universidade Federal de Goiás; Dezembro, 2003.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- SOARES, C., L. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. Revista Paulista Educação Física, São Paulo, supl.2, p. 6-12, 1996.
- SOARES, ET AL. Metodologia do Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.